

Divergências entre setores que defendem contenção dos gastos e elevação das despesas gera divulgação de críticas à equipe econômica

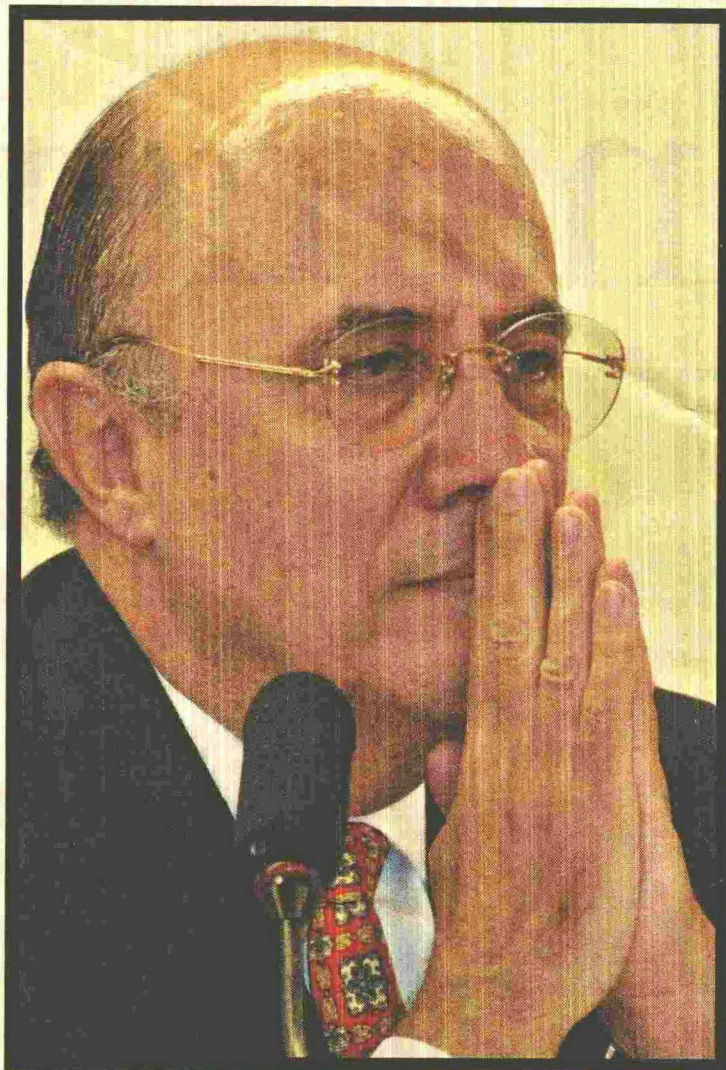
Disputa nos bastidores por aumento dos gastos

Ana Nascimento / ABr / 30.11.04

A área econômica está sob ataque da ala gastadora do governo. Esse é o ponto de partida da nova rodada de fogo amigo contra o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem conhecimento das forças antagônicas, mas mantém a defesa da política econômica, reafirmada, semana passada por uma nova alta na taxa de juros. E, até o final de janeiro, o governo fará uma nova demonstração de que não está disposto a ceder no controle dos gastos públicos quando anunciar o bloqueio de recursos orçamentários que pode variar de R\$ 8 bilhões a R\$ 11 bilhões.

O fogo amigo, desta vez, tenta colocar no mesmo debate duas questões que, na verdade, estão separadas. De um lado, existe a "ala gastadora" identificada nos ministros da Integração Nacional, Ciro Gomes, e do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Jaques Wagner, no secretário-geral da presidência, Luiz Dulci, e inspirados pelo líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante. De outro, a manifestação já conhecida de alguns diretores do BC de se afastarem de seus cargos, entre eles, o diretor de Política Econômica, Afonso Bevilaqua.

Mesmo a eventual saída de Bevilaqua não será conduzida de forma precipitada e planejada para atender às pressões que querem uma diretoria do BC mais sintonizada com a ala desenvolvimentista do governo. A negociação na equipe econômica para a substituição de Bevilaqua e do diretor de Assuntos Internacionais, Alexandre Schwartzman, vem



O PRESIDENTE DO BC, HENRIQUE MEIRELLES, ESTÁ SOB FOGO AMIGO

desde dezembro. Os dois alegam problemas pessoais e dificuldade de relacionamento na equipe do BC. Desde então, se tornaram alvo dos críticos da política econômica, que também atiram, nos bastidores, no diretor de Estudos Especiais, Eduardo Loyo.

Os três são tidos como o "núcleo duro e conservador" do BC. "Por isso, estão sob ataque", dis-

se uma fonte. A possibilidade de alterações na diretoria do BC não é desconhecida nem representa uma decisão do presidente Lula de mudar o perfil e o comando do banco. "Isso (a troca de diretores e da presidência do BC) é uma bobagem", reagiu o presidente Lula em conversa com um de seus assessores na Granja do Torto durante este fim de sema-

na. "O presidente deu uma risada quando comentei o assunto", contou esse assessor, ao se referir a notícia publicada segundo a qual Lula teria decidido demitir os três diretores.

O presidente Lula, de fato, reuniu-se na semana passada com o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, Meirelles e o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, para conversar sobre a alta dos juros. Ouviu as explicações do ministro e apoiou a decisão. Tanto que Palocci deixou o gabinete do presidente e deu uma longa entrevista reafirmando os princípios da política econômica. Ao contrário dos que chegou a ser publicado, durante a conversa não ocorreu nenhuma repreensão a Palocci ou a Meirelles pela elevação da taxa de juros básicos para 18,25% ao ano.

Lula apoiou a alta e partiu para a ofensiva, ameaçando: ou os empresários param de remarcar preços ou o governo pode até mesmo recorrer a um rebaixamento das alíquotas de importação para provocar a queda. Esse recado foi dado diretamente a Armando Monteiro, segundo relato do presidente Lula durante reunião, quinta-feira, com a cúpula do PMDB. "É isto que está forçando o Copom a elevar os juros", teria dito o presidente aos peemedebistas, segundo relato de um dos participantes da reunião no Palácio do Planalto.

Na conversa Lula queixou-se da falta de colaboração do empresariado que, a seu ver, estaria precisando de um "puxão de orelhas", e mostrou-se decidido a dar força a Palocci e Meirelles. O presidente, segundo relato de um assessor, apóia Palocci, mas ouve outras opiniões.